

REVISTA DA CIDADE

Redação e Officinas: RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

PHONE, 1111 — TELEG. "EDITORIA"

Numero Avulso

600 rs.



Assignatura Annual

25\$000

ANNO I

21 DE AGOSTO DE 1926

NUMERO 13

Já
não é
nova a
sabedoria
que julga o
grau da civili-
sação de um povo
por sua cultura ar-
tistica, exteriorizada
em suas tendencias e
predilecções. No Brasil,
para não cahir na injustiça de
citar esta ou aquella das vinte
e uma estrellas da federação, a
gente nota uma perversão de gosto
que é verdadeiramente lamentavel. No
Rio, o coração da terra brasileira no to-
cante á sua civilisação, a gente arremata a
observação pela certeza desoladora da ten-
dencia do povo em procurar, de preferencia, os
theatros onde a arte é tratada a coices e o que
vale é a canção immoral, o humorismo pornographic
e as attitudes licenciosas. O resto, os lugares onde se
faz arte, arte de verdade, esse resto é frequentado por
uma irreductivel minoria cujo gosto ainda não se afundou,
de todo, na lama dessa degenerescencia do século. Isso, lá.
Aqui, a mesma cousa. O nosso publico deixa vasias as poltronas
de um theatro quando se faz bôa arte, quando se annuncia bôa mu-
sica e o abarrota quando ha novidades futeis, canções duvidosas e
musica de feira. Isso é lamentavel para o Brasil que ainda não attingiu
ao grau de perfeição de onde se descamba para a decadencia. Um povo
que ainda não evoluiu, não pode ser um povo decadente. O maior mal a ser
combatido no Brasil, era o analphabetismo. Hoje, o problema é mais complexo.
A par da alphabetisação dos analphabetos, deve caminhar, tambem, a cultura
artistica dos alphabetisados. E isso para que o Brasil tenha, amanhã, no mun-
do, o seu verdadeiro lugar. E não seja, sempre, o "doutor-formado" que vae
para a roça, e fica sendo, para o resto da vida, um caipira que tem a enfei-
tar-lhe o nome aquelle "dr." tão ridiculamente decorativo... Uma pe-
quena dóse de patriotismo e a reacção produzirá os seus bons fructos.